

COMO A AUTORA RUTH ROCHA TRABALHA A QUESTÃO DA RELAÇÃO: ALUNO E PROFESSOR NO CONTO “A MENINA QUE APRENDEU A VOAR”

Soraia Aparecida Roques Pereira¹

NEAD/UEMS

Marlon Leal Rodrigues²

NEAD/UEMS

Resumo: Trata-se neste artigo da Análise do Conto Infanto Juvenil de Ruth Rocha “A menina que aprendeu a voar”. Busca-se analisar as dificuldades no relacionamento entre professor e aluno e o que podemos aprender com as histórias infantis, além de fazer comentários sobre a literatura infantil.

Palavras-chave: Literatura infantil; Relação aluno e professor

Introdução

Desde que nascemos sentimos a necessidade de estar preenchendo uma parte de nossa vida com a arte, com a leitura e com a cultura, e quem pensa que somente os adultos podem e devem ser importantes para o mercado consumidor e apreciadores de uma obra criativa e de qualidade, estão enganados; pois a cada dia a criança e adolescentes tornam-se mais capaz de escolher e exigir qualidade em tudo que faz até mesmo em suas leituras.

Sendo assim a Literatura Infanto Juvnil vem atender a essa necessidade de magia e do sobre natural que habita na mente das crianças, além de ser uma possibilidade de exteriorizar tudo que trazem consigo como: desejos, sonhos, dúvidas, medos.

A Literatura Infanto Juvenil torna-se importante para a formação das crianças, a partir do momento que é utilizada de forma adequada por pais e profissionais que conhecem tanto a qualidade quanto as falhas desse gênero que cresce a cada dia. Pois não é por ser uma literatura cheia de magia, mundos irreais e fantasiosos que ela, a literatura, pode ser considerada como somente uma distração. Visto que, ao lado de todo o divertimento e graça, que as histórias infantis traz existem um papel formador de opiniões e de futuros líderes políticos.

Ao ler uma história infantil, a criança se emociona e encontra respostas para a maioria de suas dúvidas, podendo assim crescer de maneira saudável.

Em um dos livros que compõem a coleção “Literatura em minha casa”, distribuída gratuitamente às escolas pelo Ministério da Educação, com o nome “ Contos para rir e sonhar”, contendo pequenos contos das autoras Ruth Rocha e Sylvia Orthothof, encontrei o conto “A menina que aprendeu a Voar” da Autora Ruth Rocha, o qual julguei incrivelmente rico e interessante para a análise. O conto retrata uma história atual que após várias leituras, provocou-me uma pergunta que desenvolverei durante a análise: Como a autora Ruth Rocha trabalha a questão da relação aluno e professor no conto “a menina que aprendeu a voar”?

Diante do exposto acima o artigo tem por objetivo mostrar as dificuldades no relacionamento entre professor e aluno e o que podemos aprender com as histórias infantis, além de fazer comentários sobre a literatura infantil.

Para isso, traçou-se objetivos específicos, os quais seguiremos os seguintes tópicos:

- Analisar a relação da protagonista com sua professora;
- Observar como o ato mágico influencia na vida escolar de Joana;
- Relacionamento familiar no conto “a menina que aprendeu a voar.”

Pode-se em alguma medida considerar como importante a questão da “temática” por evidenciar por meio da história um assunto recorrente na relação aluno professor no contexto atual. O interesse por essa temática prende-se ao fato de retratar a importância da literatura infantil na formação da criança bem como a do professor.

Justifica-se a realização deste trabalho por retratar a magia, o desejo da criança em relação ao professor, a família e também a questão da imagem do professor que esta sendo reconstruída no conto “A menina que aprendeu a voar”, a partir dos sentidos que este conto representa.

Este trabalho compõe-se de uma pequena análise, que tem por finalidade a leitura alguns livros, nos quais foi pesquisada a problemática do conto.

Metodologia, para a realização desse artigo, usaremos como embasamento teórico alguns capítulos do livro de Bruno Bettelheim, Fanny Abramovich, Nelly Novães Coelho e alguns outros autores que serão apresentados no decorrer do texto e na bibliografia final

Segundo Lori Alice Gressler(1989,p.13), uns dos principais objetivos da educação brasileira é desenvolver a capacidade do pensamento crítico. E durante todo o desenvolvimento desse artigo olharemos com essa visão o conto “A menina que aprendeu a voar” de Ruth Rocha.

Surgimento da Literatura Infantil

Segundo Cunha (2003, p.26), a literatura infantil atualmente, já pode ser considerada um gênero literário, hoje temos profissionais capacitados, que trabalham com consciência e responsabilidade, mas essa literatura atravessou um longo percurso até chegar aos contos contemporâneos a que temos acesso hoje em dia.

A autora Nelly Novães Coelho (1991, p. 30-31), escreveu o livro “Panorama Historica da Literatura Infantil-Juvenil”, pois sua obra magna que é todo dedicado a pesquisar as origens mais remota da literatura infantil a começar lá no oriente.

Para os contos mágicos orientais e aqueles livros que nos soam estranhos como “Calila e Dimma”, “O livro dos exemplos”, são ancestrais da literatura infantil, pois nesses livros encontrava-se magia, medo, encantamento, conselho moralizante , dores e até formadores e inibidores de opiniões.

Já no oriente encontra-se novelas de cavalaria da idade média, uma fonte importante da qual a literatura infantil se alimentou, pois tratavam-se de histórias fantásticas com guerreiros valentes, princesas, em que todo o envolvimento se dá num cenário cheio de encantamento magia.

Importante lembrar que as primeiras histórias infantis eram contadas oralmente e não tinham como alvo as crianças, pois eram histórias contadas para adultos, porque nesse período ainda não havia uma separação entre a literatura contada para adultos e crianças, sendo que muitas histórias eram carregadas de violência, que chocaria até mesmo adultos de hoje.

No entanto foram essas narrativas passadas oralmente ao longo dos tempos que deram origem aos contos de fadas, sobre esses contos Mello diz:

“Na opinião de Walter Benjamim, os contos de fadas apresentam o narrador genuíno, aquele que produz a experiência que anda de boca em boca, acrescentando que, entre os que

escrevem história, os melhores são aqueles cujo discurso mais se aproxima dos inúmeros narradores anônimos, pois o grande narrador é o que se enraíza no povo.”(1995, p.12)

É nesse momento que começa-se a compilar todas essas narrativas orais e surgem os primeiros contistas, que irão compor a literatura infantil: Perrault, Irmãos Grimm, Andersen. Em princípio a literatura infantil tem início com os “contos da Mamãe Gansa” de (1939), narrativas orais reunidas por Perrault com uma moral adequada aos padrões da época, a partir daí, em cada país as narrativas se desenvolveram de um jeito. Já aqui em nosso país, Cunha diz: “No Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura tem início com obras pedagógicas e sobretudo adaptadas de produções portuguesas demonstrando a dependência típica das colônias.”(2003, p.23).

Nossa história de dominação é no mínimo lamentável, e atingiu todas as áreas, com a literatura não seria diferente, ainda mais quando essa literatura era destinada às crianças, que seriam os futuros governos, diplomatas, ou seja pessoas que dirigiriam o país. Dessa forma a literatura foi usada de maneira a ensinar, formar, moralizar de um jeito mais sutil, menos radical. Através de uma historinha aparentemente simples, engraçada, bonita tem-se uma concepção de um mundo que fica internalizado na mente da criança.

Nesse período alguns autores se destacaram: Figueiredo Pimentel (contos da Carochinha), Olavo Bilac (contos pátrios), mas é com Monteiro Lobato que se inicia uma nova literatura, conforme Cunha: “...com uma obra diversificada quanto a gênero e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em algumas personagens, que percorrem, unificam seu universo ficcional.”(2003, p.24).

É impossível falar em literatura brasileira sem lembrar de Lobato, pois é a partir da obra desse autor que a nossa literatura quebra a barreira do estritamente moralizante e passa a usar mais a imaginação e a explorar mais o folclore, principalmente possibilitando às crianças formarem uma mentalidade crítica, que questiona o mundo.

Apesar de ser bem jovem em nosso país a literatura infantil, segundo Cunha (2003, p.24), esta dividida em: Realista, fantasia questionadora de problemas sociais, explora o folclore e os fatos históricos .

Atualmente, a literatura infantil é vista como um gênero tão importante quanto os outros, prova disso são as inúmeras obras de qualidade a que temos acesso e o interessante é que seduz não só as crianças; mas também os adultos, cada vez mais estão se encantando com essas histórias.



EDIÇÃO 23 –2 SEMESTRE DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/05/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2014

Década de 80 - A Literatura Contemporânea

O conto, “A Menina que Aprendeu a Voar”, faz parte do livro de mesmo nome, mas a publicação dele na obra “Contos para ri e sonhar”, tem a data de 2003, como obra contemporânea, porém o livro foi reformulado recentemente, é importante termos o conhecimento de qual era o contexto desde a década de 80, que foi quando aconteceu maior número de publicações e dessa época de mudanças resultou uma literatura diferente, que evolui até nossos dias.

Nos anos 80 começa-se a pensar diferente e a fazer uma literatura que explore ao máximo a criatividade. Nesse período de mudanças os meios de comunicação invadiam os lares trazendo as crianças o encantamento das imagens prontas, a literatura precisava se adequar a todas essas novidades e criar uma forma nova de narrar.

Nelly Novaes (1991, p.259), vai dizer que a literatura dessa época colocava em debate as relações entre a criança e o mundo, além de questionar os valores que a sociedade pregava como ideal.

Segundo a autora na atualidade o Brasil está em busca de uma identidade cultural e a literatura infantil busca conseguir isso em suas histórias, mas hoje não há um ideal absoluto a ser seguido: “será ideal aquela que corresponder a uma necessidade profunda do tipo de leitor a que ela se destina, em consonância com a época que ele está vivendo”,(1991, p.264).

Nas décadas de 70/80, havia até mesmo editoras que eram próprias para a publicação de determinadas histórias infantis, como relata Abramovich no livro “O estranho mundo que se encontra às crianças”, (1983, p.15-16), algumas editoras como Brasiliense colocava a criança mais isolada do mundo, já a editora Comunicações buscava retratar os problemas do mundo real onde a criança vive, enquanto outras se preocupavam mais com os desenhos e com o visual do texto.

Com isso podemos observar o quanto a literatura infanto juvenil tem se desenvolvido com o passar do tempo, porém pode haver ainda editoras como essas já citadas, mas as linhas de produção são outras.

Nelly classifica as novas tendências das seguintes formas: (1991, p.264- 265), segundo ela existe a literatura real, preocupada em testemunhar o cotidiano, informar os costumes, aguçar a curiosidade do leitor e ajudá-los a enfrentarem as dores da vida. Enquanto a literatura fantasista busca trabalhar com o mundo

maravilhoso, onde a imaginação, o lúdico predomina. e já a literatura híbrida faz a mistura do real com a fantasia, como em “Madalena Pipoca”.

Todas essas tendências que compõem a literatura infantil contemporânea são a base para que os profissionais comecem a fazer uma análise da qualidade dessas obras, tornando-se aptos para apresentarem às crianças, textos que além de desenvolverem o espírito crítico, divirtam e incentivem à imaginação. Bruno Bettelheim resume melhor tudo isso, pois segundo ele:

“A literatura deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e simultaneamente promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro”,. (1979, p.13).

Análise da Obra

O ambiente escolar no conto “A Menina que aprendeu a voar”.

Este conto analisado é apenas uma parte do livro com o mesmo nome. É uma narrativa em 3º pessoa, quase sem nenhum diálogo, o narrador conhece o interior dos personagens, seus medos e aflições:

“...mas Joana estava um pouquinho preocupada porque não tinha ideia de como ia descer” (2003, p. 29), “...as crianças correram pra classe, bateram na porta e entraram, muito resabiadas...”(idem, p. 29).

Essa é uma história que chama a atenção também pelos desenhos, apesar deles serem bem pequenos, e em preto e branco, principalmente como medida de economia”, como diz Cunha (2003, p.75), mesmo assim são bonitos, engraçados e na maioria deles aparece a protagonista voando ou olhando para o céu.

Na década de 80, abramovich (1983, p. 61). No livro “ O estranho Mundo que se Mostra às crianças”, diz que sente falta de ilustrações de boa qualidade, que abram as portas para o imaginário, que apliam a narrativa e ao longo desses 20 anos notamos uma melhoria nos desenhos. Mas ainda é difícil encontrarmos livros bastante coloridos que capricham nos desenhos, a maioria traz os desenhos em preto e branco. Alguns são criativos, outros se tornam escuros e sem vida, porém um fato é inegável: a cor chama muito a atenção e, a partir do interesse pelos desenhos, o desejo de ler a obra é somente o passo seguinte.

Segundo Cunha (2003, p.75), as ilustrações precisam ir diminuindo á medida que a criança evolui na leitura, logo após observarmos o conto “ A Menina que Aprendeu a voar”, pode-se dizer que se trata de um conto destinado às crianças com uma maior compreensão e capacidade de leitura , pois as letras são do tamanho dos textos normais e ocupa quase toda a folha, já para os desenhos sobra um pequeno espaço no fim ou no início da página.

Apesar do conto ser relativamente curto, encontramos várias personagens; a protagonista é Joana, uma garota alegre, que gostava de brincar e até de cometer pequenas travessuras: **“Primeiro eles iam andando na calçada e não podiam pisar nas riscas. Quem pisasse tinha que tocar a campainha numa casa e sair correndo.”** (2003,p. 32).

No decorrer da leitura podemos verificar que Joana se sentia presa e seus pais não lhe davam muita atenção, visto que, no início podemos verificar que a mãe não se preocupava o suficiente com ela.

“...a mãe dela entrou no quarto. Acha que ela levou tamanho susto que achou que não devia acreditar no que estava vendo. Fechou a porta bem depressa e foi tratar da vida, que aquele problema estava muito difícil de resolver.” (2003, p 27).

E a garota Joana percebe isso, logo a tentativa dela chamar a atenção é alcançar uma liberdade, se exteriorizar através do ato mágico de voar, apesar de ser um ato inconsciente. Bruno Bettelheim explica da seguinte maneira:

“...se as pressões internas da criança predominam - o que acontece com frequência – o único caminho pelo qual ela pode esperar obter algum controle sobre ela é a externalização.”(1979, p.82)

A magia de Joana é usada pela autora como uma metáfora, que se entende implicitamente como uma necessidade que a criança tem, em certa fase da vida de ser notada e livre ao mesmo tempo.

Após tomarmos conhecimento do problema que Joana enfrentava na família (a despreocupação da mãe), o conto vai nos relatar o que acontece dentro da escola quando todos descobrem que Joana sabe voar.

Entre outras coisas, a autora vai trabalhar bastante a relação de poder e dominação que o professor exerce sobre o aluno (a criança). E além do professor em sala de aula, havia também as inspetoras, “...uma

daquelas senhoras que cuidavam do recreio...”(2003, p.30), de personalidade severa e autoritária, “- já, já em fila, vamos entrar para a aula, não inventem bobagens crianças!”(idem, p.30).

Pelo comportamento das crianças podemos notar que se trata de uma escola do ensino fundamental, cheia de crianças em que professores ainda cumprem um papel repressor, modelo tradicional: “- Não pode escrever no caderno com caneta vermelha. Esta é só para títulos. E não pode sentar de lado, que é pra não atrapalhar o vizinho.”(2003, p 33). Logo Joana se sente sufocada, pois não via nas professoras uma amiga, alguém em quem pudesse confiar, mas apenas como uma pessoa que sabe mais, portanto superior e, como não tinha força suficiente para enfrentar o poder da professora, Joana decide encontrar uma outra solução que para ela é normal e todos passam a gostar dela, por conseguir fazer uma coisa diferente. De acordo com Zilbermam, no livro “A literatura Infantil na escola” diz que a escola:

“...acentua a divisão entre o indivíduo e a sociedade, ao retirar o aluno da família e da coletividade, encerrando-o numa sala de aula em que tudo contraria a experiência que não tivera.”(1998, p.18).

Nós podemos ver o quanto esse desejo de ser livre é forte na personagem Joana quando ela está sentada na sala de aula e olha pela janela a vida que corre lá fora:

“Joana começou a olhar pela janela e as nuvens passavam tão brancas, e o céu era tão azul, e em algum lugar do mundo as ondas do mar batiam na praia e levantavam espuma; eno pleicênter tinha roda-gigante e montanha-russa”(2003, p.36).

Além da visão de Joana, de que o mundo fora da escola é mais bonito, mais livre com um espaço aberto que permite várias coisas, podemos ver nesse trecho a capacidade de imaginação que é bastante aflorada na menina, aliás como em todas as crianças que usam a imaginação como uma forma de escapar dos problemas reais, no caso de Joana são as regras e a rigidez da escola.

O perfil da professora também é o tipicamente tradicional. Durante a narração você não nota um diálogo entre as professoras e as crianças, o tempo todo elas estão colocando limites, uma cara fechada para amedrontar as crianças, falando sempre de maneira ríspida, superior: “ **___ Que é isso, dona Joana? Temos novidades? Não contente de chegar atrasada ainda ficou fazendo gracinhas pros colegas?**”(2003, p.34). Logo esse comportamento da professora inibe qualquer criança e com Joana não poderia ser diferente, ela

fica vermelha, não consegue falar e naquele momento ela quis voar, ir para longe da sala de aula, por queficou muito constrangida e inibida diante dos colegas, que não conseguiu reagir perante a situação.

A professora dona Isolda não implica só com Joana, todos os alunos são constantemente repreendidos por ela, a ponto de despertar a vontade, o desejo dos alunos de cometerem algazarra na sua aula:

Mas doana Isolda já estava distraída, brigando com o Davi, que não tinha nada que trazer a atiradeira para a escola, e não adiantava dizer que não estava brincando, se não estava brincando estava com vontade de brincar.”(2003, p34)

Podemos perceber no fragmento acima que as crianças já estão acostumadas, por que é o único tratamento que conhecem, então elas se sentem completamente dominadas: **“Joana, Gabriela e Zé bento sentaram quietinhos...”(2003, p.34).**

Nesse conto a autora mostra uma realidade a partir de um acontecimento inexplicável que é o fato de Joana poder voar, com isso a autora Ruth Rocha narra o cotidiano da escola, mexendo profundamente com o modo de se tratar as crianças.

Logo a ideia de que os professores eram superiores às crianças é totalmente errada e no conto a autora comprova isso, é que no final quase todas as crianças conseguiram voar e deixaram as professoras lá embaixo: **“dona Isolda chegou à janela, olhou o alto e chorou uma lágrima salgada...”(2003, p.37).**

Apesar de não ser ainda um lugar ideal, nem preferido pelas crianças, a escola é necessária e de fundamental para a formação de um cidadão, a autora Zilbermam diz que; “...enquanto instituições, a escola e a literatura podem provar sua utilidade para a criança refletir sobre sua condição pessoal.”(1998,p.21), mas segundo a autora o próprio professor sofre esse mesmo processo de opressão, tudo faz parte de uma hierarquia que se perpetua a muito tempo.

Ao abordar esse tema com as crianças, Ruth Rocha usou a garotinha Joana e seus vários amigos mostrando de maneira realista, situações que muitas crianças vivenciam todos os dias, em casa(quando os pais tem coisas mais importantes para fazer) ou na escola, (onde professores estão mais preocupados com as regras e a ordem do que com o bem estar da criança e nem se se esforçam para que o ambiente da sala de aula se torne um lugar mais agradável para as crianças).

Apesar das broncas da professora, Joana consegue a liberdade de voar e ainda mais, compartilha com os outros, demonstrando a solidariedade infantil; Joana queria dividir com seus colegas sua liberdade, para assim poder se divertir com todos seus colegas. Já que na escola isso era praticamente impossível, ela e as demais crianças voaram para longe dali num mundo de imaginação que só existe mesmo nas mentes infantis.

Considerações Finais

Se fizermos uma leitura inicial e superficial do conto “a menina que aprendeu a voar”, dificilmente notaremos tantas questões abordadas pela autora de um modo sutil, mas consciente.

E, é somente através da análise e da leitura que podemos descobrir as mensagens, os conceitos implícitos em cada desenho, em cada página.

Nosso artigo se baseou apenas em fragmento do livro homônimo, mesmo assim podemos trabalhar com a relação familiar e o ambiente escolar da protagonista, além de comentarmos sobre a magia na vida de Joana.

Essa pequena análise mostra a importância dos profissionais da área da educação, assim como pais devem cuidar das crianças, caso isso não aconteça serão adultos frustrados e infelizes. A obra foi escolhida justamente por que havia personagens que já fazem ou farão parte do nosso cotidiano sejam filhos ou alunos.

A cada leitura de um capítulo era um momento de reflexão sobre a situação vivida pelas personagens e que nos levava a pensar no tipo de professor ou mãe queremos ser.

Portanto esse pequeno artigo nos mostrou que as histórias infantis não são tão simples como muitos pensam, não é por ser uma obra dedicada ao público infante juvenil, que ela tem que ser desprovida de significados e nesse conto “ a menina que aprendeu a voar”, tivemos a confirmação disso.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABRAMOVICH, Fanny. “O estranho mundo que se mostra as crianças.” 7ª edição. São Paulo . Summus, 1983.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. “Literatura Infantil: Teoria e Prática”, São Paulo: ed. Ática, 2003.

Web revista Página de debates

Questões de
Linguagem

EDIÇÃO 23 –2 SEMESTRE DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/05/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2014

ROCHA, Ruth. ORTHOF, Sylvia. “contos para rir e sonhar”. 1º edição. São Paulo. Ed. Salamandra, 2003.

BETTELHEIM, Bruno. “a Psicanálise dos contos de fadas”. 3º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GRESSLER, Doris Alice. “Pesquisa Educacional – Importância, modelos, validade, variáveis, hipóteses, amostragem, instrumentos”. 3º ed. São Paulo. Edições Loyola, 1989.

ZILBERMAN, Regina. “A Literatura Infantil na Escola”. 10º edição. São Paulo. Ed Global, 1998.

COELHO, Nelly Novães. “Panorama Histórico da literatura Infanto Juvenil”. 4º ed. Revista, São Paulo. Ed. Ática, 1991.